

Apresentação de “Fascismo no Quotidiano” na Biblioteca Pública de Braga*

Victor de Sá



Ao apresentar-me aqui perante vós, mais que o sentimento de alegria pelo encontro com uns, reencontro com outros, que sempre me inunda a alma, hoje é o sentimento de respeito que predomina no meu espírito.

A despeito da insignificância material do trabalho que vos apresento (um opúsculo, com menos de 50 páginas) não posso esquecer-me de que Braga foi o palco onde decorreram todas as cenas que nele descrevo.

* Texto lido na sessão de apresentação do livro “Fascismo no quotidiano” (Lisboa: Vega, 1989) promovida pela Biblioteca Pública de Braga e realizada no Museu Nogueira da Silva em 26 de Janeiro de 1990. O livro foi apresentado pelo seu amigo e advogado bracarense Dr. José Tarroso Gomes, falecido em Junho de 2004.

Este texto inédito fazia parte da documentação que integrava a última parte do espólio do Doutor Víctor de Sá, entregue à Biblioteca Pública de Braga pelos seus filhos em Abril de 2004.

Um primeiro sentimento de respeito, portanto, é pelos meus conterrâneos de Braga, que hoje já não é, positivamente a cidade que recordo da minha juventude. Foi aqui que me fiz adulto, sonhei e vivi durante meio século. Fui amado e perseguido. Realizei-me, e não me realizei. Ganhei amigos, e não amigos.

Muitos já se partiram, evoco-os com saudade. Outros, alguns novos, vejo-os aqui presentes ou cruzo-me com eles nas ruas da cidade. São o garante da minha identidade. Podem confirmar a minha memória ou esclarecer as minhas ambiguidades. São a razão de ser de mim próprio, e é deles que colho a força para prosseguir o meu trabalho.

A pessoa respeitada e prestigiada que é o Advogado Dr. José Tarroso Gomes (somos amigos de há meio século) representa e simboliza aqui essa constância de identidade.

Respeito também por esta Casa.

Sei que durante décadas acorreram aqui todos os mandantes locais do fascismo salazarista. Quando eu fui nomeado professor em 1959, foi aqui que ocorreu também a União Nacional de Braga para reclamar o anulamento da nomeação. O telefone desta casa foi utilizado para o efeito.

E, de facto, a nomeação foi anulada no dia seguinte.

Mas sei também – e aproveito para lembrar – que Nogueira da Silva soube terminar com dignidade os seus dias.

Salazarista ferrenho (creio que por gratidão) afastou-se da política desde que o seu patrono morreu. Quando o 25 de Abril chegou, seria já um desiludido.

Mas o 25 de Abril deu-lhe um sentido novo para a vida. Despertou nele, ou pelo menos avigorou-lhe, o sentimento da solidariedade humana.

O Comendador Nogueira da Silva, que no princípio da vida fora um proletário, sujeito a vender a força do seu trabalho para garantir a subsistência; e que depois, ao longo do salazarismo acumulara uma imensa fortuna por mercês políticas e com a ajuda do trabalho alheio, ele, o grande Comendador, teve

tempo ainda para reflectir sobre o sentido social da riqueza. E refez o seu testamento de modo a que fosse devolvida à comunidade a fortuna que ao longo da vida tinha acumulado.

A grande organização que era a Casa da Sorte deixou-a aos trabalhadores que nela tinham o seu emprego. Aos empregados domésticos e familiares que o cercavam, assegurou-lhes generosamente o resto da vida. E a sua residência principesca – esta casa em que nos encontramos – com todo o seu recheio artístico, doou-a à Universidade do Minho, uma instituição então acabada de criar, mas que logo lhe mereceu o crédito público da sua confiança para o futuro.

Nogueira da Silva terminou assim, com dignidade social, a sua vida de Comendador. Um caso exemplar, perante o qual me curvo com todo o meu respeito.

Respeito, enfim, por mim próprio.

Ao longo da vida cometi muitos erros e por certo algumas injustiças, mas sempre procurei orientar-me por ideais não egoístas nem de ascensão social pela riqueza.

Racionalismo foi a norma da minha vida, e acção cultural o meu apostolado. Preferi a dignidade ao enriquecimento fácil.

Sinto-me feliz por não ser um fracassado.

O respeito por mim próprio, o respeito por esta Casa, hoje pública, e o respeito por vós, os meus conterrâneos, são os três posicionamentos que queria vincar, antes de tudo, nesta grata oportunidade da apresentação local do meu opúsculo.

Falemos então agora sobre o opúsculo:

– Como explicar a adolescentes o significado do 28 de Maio?

Esse foi o grande problema que se me pôs, face à solicitação de uma Escola Secundária que para isso me convidou.

O opúsculo que vos apresento é essencialmente o esboço da palestra que proferi. Um modo de explicar o inexplicável: o absurdo do nosso tempo passado, o grande absurdo.

“Fascismo no quotidiano” apresenta-se como uma tentativa, apenas uma entre as tentativas possíveis, de explicar o absurdo que foram as nossas vidas.

Hoje – diz-se – os jovens não entendem nem se interessam. Mas é verdade que também NÓS, os mais velhos, raramente explicamos.

Todos nós sabemos por de mais que o 28 de Maio de 1926 foi a contra-revolução republicana. Mas a partir daí, esse dia transformou-se no pesadelo que marcaria por 3 gerações os destinos de cada um de nós.

Que poderá isso interessar à juventude de hoje, a juventude que em grande parte já nasceu depois da Revolução Libertadora do 25 de Abril?

A evocação dos tempos negros da ditadura salazarista não pode ser exercício masoquista dos mais velhos, para impor à juventude de hoje os traumas dos nossos pesadelos do passado.

Mas é certo que também seria deslealdade da nossa parte privá-los de conhecer as circunstâncias ominosas muito especiais, em que viveram seus pais e avós, sob a capciosa legalidade do “Estado Novo”.

Como foi isso possível? – é uma pergunta que hoje nos fazemos, e a que temos dificuldade cada vez maior de responder.

Os próprios jovens, os mais novos, também começam a sentir necessidade que lhes expliquem essa época incrível do absurdo.

A liberdade é hoje um dado de tal modo adquirido que a incredibilidade dos jovens tem sentido. Nós próprios começamos a esboçar as nossas dúvidas. Como foi possível – oh deuses! – que o povo português não tenha gritado muito antes de 1974, que o rei ia nu?

Na realidade, a questão hoje embaraça muita gente. O fascismo que derivou do 28 de Maio não foi, aliás, um fenómeno simples nem linear.

Os teóricos estrangeiros da historiografia do fascismo são tentados a reduzir o caso português a um período cronológico que termina com a derrota de Hitler em 1945.

Mas geralmente não se repara que o salazarismo foi um fascismo de longa duração, com diferentes fases de adaptação às diversas conjunturas internacionais e económicas; constante, porém, na sua prática repressiva e de doutrinação totalitária. Foi essa prática ininterrupta que conduziu à longa e inútil guerra colonial, uma guerra ela também definidora do que foi o fascismo salazarista.

É esta realidade complexa e muito amarga que precisa ser explicada aos mais jovens. Mas a partir das realidades de hoje e dos valores de liberdade que agora se afirmam tão caros a todos os portugueses.

Sobre a matéria do fascismo salazarista não podemos, junto dos jovens, teorizar abstractamente. Por isso me empenhei na apresentação deste opúsculo.

Nele procuro sobretudo contar histórias, não exemplares, antes exemplificativas.

Como ocorriam no quotidiano as agressões constantes aos direitos dos cidadãos? Remexer-se-ão em vão os arquivos, que a documentação geralmente não se encontra. Dizem os positivistas que sem documentação não há história. Mas toda a realidade humana e social será redutível a documentos?

Se eu vi, se tu sofreste, se nós presenciámos, então é certo que não podemos deixar-nos alienar das nossas próprias certezas. Somos o testemunho da realidade que vivemos. É um valor histórico. Não foi um pesadelo sonhado. Foi uma vivência autenticamente sofrida.

Por não haver, ou por terem sido destruídos os documentos, nem por isso foram menos verdadeiras ou menos graves as situações que todos nós testemunhamos, algumas que sofremos na própria carne. Não podemos por isso ser coniventes no silêncio, ou no esquecimento em que outros porventura se empenham.

Neste opúsculo dou realce ao comesinho quotidiano. Procuro sobretudo transmitir o ambiente, a atmosfera mental e social do medo. A gestão do medo. Essa foi verdadeiramente a grande capacidade política de Salazar. De que meios se servia para impor o medo a cada um de nós. E como, através de nós, procurava impor o medo aos outros. É isso que tento exemplificar neste opúsculo.

"Fascismo no quotidiano" enquadra-se, pois, no entendimento político e pedagógico que vos expuz. Sem me negar como historiador. Apresento-o como uma das formas possíveis de colher e transmitir a realidade social de uma época. Com a preocupação de tornar inteligível aos mais novos o que foi o absurdo da vida dos seus avós. Como foi possível?

A resposta à pergunta ajudar-nos-à também a afirmar a nossa identidade nesta hora de integração europeia, e de profundas alterações e inovações na geo-política do Mundo.

Pelo empenho que ponho no equacionamento desta questão, aqui apenas aflorada, faço votos que o opúsculo suscite o vosso interesse – e também o vosso próprio empenho na sua divulgação.

Agradeço-vos a bondade da vossa presença e da vossa atenção.

